

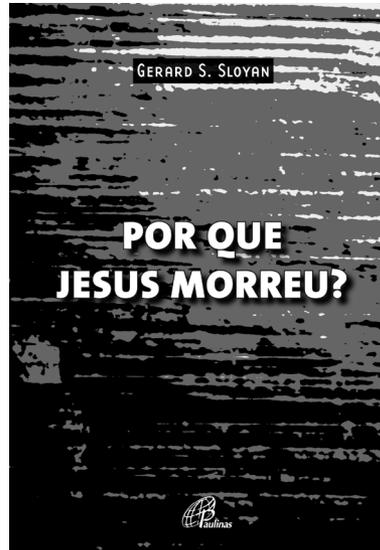
Gerard S. Sloyan. **POR QUE JESUS MORREU?**
São Paulo: Paulinas, 2006. 135p. (Questões em debate).

Prof. Dr. Pe. Cássio Murilo Dias da Silva¹

Por que Jesus morreu?

A resposta mais natural a este tipo de pergunta é “Porque estava vivo!”. No entanto, em se tratando de Jesus, normalmente a pergunta toma outra conotação: não por que ele *morreu*, e sim por quais razões o *mataram*. Em outras palavras, quais palavras e atitudes de Jesus fizeram com que alguém tivesse interesse em sua morte. Por outro lado, a mesma pergunta remete às conseqüências do fato: *Para que* ele morreu? Para que serviu a morte dele?

Nos três capítulos de seu livro, Gerard S. Sloyan aborda os vários aspectos da pergunta que dá título ao escrito. No capítulo primeiro — “A crucificação de Jesus: como, por que e por quem?” — Sloyan faz uma leitura crítica dos relatos da paixão, principalmente a versão de Marcos. O confronto com textos sobre crucificações no mundo antigo revela que os relatos neotestamentários são carregados de teologia, não só na descrição do evento, mas também nos motivos que levaram a ele. Como conseqüência, várias questões não podem ser respondidas com exatidão. A principal dificuldade nos relatos evangélicos é encontrar o motivo suficiente para que Pilatos condenasse Jesus à punição aplicada aos inimigos do império. Por outro lado, a requisição feita pelos judeus de que Jesus fosse crucificado levanta a questão sobre este tipo de pena capital entre os judeus. Textos de Josefo, do Talmud e da Mishna são pouco claros a respeito: fala-se de pendurar corpos de pessoas que cometeram algum crime, traição, blasfêmia ou idolatria; mas os textos oscilam entre suspender o cadáver em uma árvore ou morte por enforcamento.



¹ Professor da Pontifícia Faculdade de Teologia N. Sra. da Assunção, em São Paulo. Doutor em Exegese Bíblica pelo Instituto Bíblico de Roma.

Além disso, não se pode afirmar que esta fosse uma prática normal judaica. Em alguns casos, mais bem parece a ação de um déspota judeu. Outro ponto obscuro nos evangelhos canônicos refere-se ao sistema judicial judaico naquele período de dominação: Qual e quanta era a autoridade do sinédrio? Como interagem o sistema judicial judaico e o procurador romano? Para Sloyan, é provável que Jesus “tenha sido condenado em circunstâncias tão confusas quanto aquelas das quais as narrativas do Evangelho parecem ter lembranças contraditórias”. Sem dúvida, a mais alta autoridade judaica tinha interesse em calar a voz de Jesus e, de algum modo, conseguiu convencer Pilatos de que isso era interessante também para Roma, talvez persuadindo o procurador romano de que o movimento de Jesus poderia adquirir força suficiente para uma sedição contra o império. Mais que isso é difícil afirmar.

O segundo capítulo aborda “Como a morte de Jesus veio a ser considerada redentora”. A mais antiga testemunha que temos sobre a concepção de que a morte de Jesus no Calvário foi um ato de expiação dos pecados individuais e da situação pecaminosa da humanidade é Paulo. O vocabulário paulino — remissão, purificação, expiação — é tomada da Septuaginta, particularmente de alguns versículos de 4Macabeus. Não se pode negar, por outro lado, que Paulo utilize também conceitos que ele recebeu por herança dos primeiros cristãos. De fato, a tradição pré-paulina já falava da morte de Jesus como redentora, não só graças à tradição judaica, mas também ao que se pode inferir sobre o que Jesus pensava de sua própria paixão e morte.

O terceiro e último capítulo — “Como a morte de Jesus foi imputada aos ‘judeus’” — percorre os cinco primeiros séculos da Igreja e analisa o “anti-judaísmo” de vários autores patrísticos. Tais autores supunham que a responsabilidade pela morte de Jesus era claramente ensinada nos evangelhos e em Atos. Não só a responsabilidade dos judeus contemporâneos de Jesus, mas também a anuência de todos os judeus das gerações posteriores. O simples fato de os judeus não terem se tornado cristãos bem como os vários episódios em que cristãos eram molestados por judeus bastaram para que os padres apostólicos chegassem àquela conclusão.

Enfim, cabe dizer que o livro de Sloyan tem uma preocupação eminentemente didática, como o demonstram as “questões para estudo” que encerram cada capítulo e cuja finalidade é ajudar o leitor a reter as principais afirmações daquela parte do livro.

Sem dúvida, o leitor encontrará respostas a muitas de suas perguntas, mas também será ajudado a formular outras.